

## não se case<sup>1</sup>

*pepita guerra*

Jovens, meninas, mulheres em geral da sociedade presente!

Se não querem se converter em prostitutas, em escravas sem vontade de pensar nem de sentir, não se casem!

Vocês, as mulheres, o que somos? (sic) Algo! O que nos consideram? Nada!

Vocês, as que pensam encontrar amor e ternura no lar, saibam que não encontrarão outra coisa senão um amo, um senhor, um rei, um tirano.

O amor não pode ser eterno, nem imutável e fixo; logo, se este tem um término, quem permanece nesta instituição ímpia, que dura a vida? O que restará, quando o amor terminar, do seu casamento? Aborrecimento, tédio, chegar como é natural até a prostituição.

Sim, a lei natural nos impele a amar continuamente; não nos impele a amar o mesmo objeto, não. Então, porque ficar sujeita a este ou àquele homem por uma vida inteira?

Milhares de casos mostram a infeliz mulher que foge do lar conjugal. Não quero saber por qual motivo, seja ele qual for; o caso é que o marido recorre à autoridade e esta

obriga a esposa a ir novamente para o lado do homem que ela detesta e odeia. Melhor não faria um pastor com uma ovelha ou uma cabra!

Eu não digo que na presente sociedade uma mulher possa ter o grau de liberdade que nós ansiamos, mas sim que em nossa futura e próxima sociedade, na qual não faltará nada a ninguém e ninguém padecerá fome nem miséria, ali sim, queremos o amor completamente livre.

Em outras palavras, que a união termine quando acabar o amor. Se eu, porque me dá vontade, não quero estar sujeita a nenhum homem, não me desprezem. Cumprindo e satisfazendo a lei natural e um desejo próprio, posso ter um amante e criar dois, quatro ou quantos filhos eu queira.

Na sociedade presente, não faço isso, porque eu não quero ser a serviçal de nenhum homem e porque o meu salário não é suficiente para me manter, e ainda menos os meus filhos. Creio que se os tivesse, me veria obrigada a escapar de ser a fêmea de um ou de ser a fêmea de mais dez.

De outro lado, não creiam que a crítica me importa; eu não sou daquelas que tem o despudor de querer ter vergonha.

É por isso que jamais penso em me amarrar a alguém, tampouco (se vier ao caso) me sufocar em minhas entranhas para conservar pelo bem das aparências o fruto de meu amor ou de união momentânea. Que isso fique para a “distinta” fulaninha, que vai (na época do inverno) recuperar sua saúde apreciável na mansão deste ou daquele, e que, depois de alguns meses, oh prodígio!,

não se case

se torna saudável e desembaraçada da enfermidade gaiata que a affigia.

É por isso, queridas companheiras, que eu digo e penso que aos falsos anarquistas que criticam a vossa iniciativa de proclamar o amor livre, queria tê-los ao meu lado quando, rasgadas as entranhas, estivesse próximo meu último suspiro, para lhes cuspir no rosto, envolta em uma baba sanguinolenta, esta frase: Maricas!

Seja o que você quiser!

Adiante com *La Voz de la Mujer* e com o amor livre.

Viva a Anarquia!

Tradução do espanhol por Flávia Lucchesi. Revisão técnica por Beatriz Scigliano Carneiro.

## Notas

<sup>1</sup>Trecho do artigo “¿Amemos? no ¡Luchemos!” de *La Voz de la Mujer*, n.2, 31 de janeiro de 1896, Buenos Aires. Extraído de *El amor libre*. Organizado por Osvaldo Baigorria. Utopía Libertaria, Buenos Aires, 2006, pp. 53-54.